

GADOTTI, Moacir. “Tempo de colheita”. In: BRUTSCHER, Volmir José. *Educação e conhecimento em Paulo Freire*. Passo Fundo: IFIBE; Instituto Paulo Freire, 2005.

Prefácio

Tempo de colheita

A leitura do livro de Volmir José Brutsher *Educação e Conhecimento em Paulo Freire* me deixou muito feliz. Ela me despertou para um diálogo com outros autores e amigos. Por isso, coloquei o Volmir nessa roda de freirianos.

O primeiro nome que me veio à mente foi Carlos Alberto Torres. Segundo o próprio Paulo Freire, ele teria sido o primeiro crítico do pensamento do educador pernambucano. O Carlos, já nos anos 1970, buscava em Hegel e Marx, como o faz hoje Volmir, os fundamentos epistemológicos da obra de Paulo Freire. Para enxergar longe, Paulo Freire teve que subir nos ombros desses gigantes da cultura ocidental.

Minha alegria deve-se também ao fato de ver, neste livro, uma obra séria, bem escrita, bem estruturada, e, sobretudo, teoricamente consistente. Buscando entender a obra freiriana, observo que a diferença entre a dialética hegeliana e a dialética freiriana está na concepção de sujeito, idealista em Hegel e histórica em Freire. Paulo Freire inspira-se na dialética hegeliana do Escravo-Senhor, mas ele a historiciza e tira dali as consequências para uma educação como conscientização e emancipação. É o auto-conhecimento projetando-se rumo à libertação. Freire procura integrar a consciência de si (Hegel) à consciência do outro ao problematizar o universo antropológico. Esta é também a visão de Carlos Alberto Torres, em sua primeira obra, *Leitura Crítica de Paulo Freire*, publicada em 1975.

Nessa leitura crítica Volmir vai mais longe, mostra em Freire uma síntese superadora, dialética, entre Hegel (consciência) e Marx (trabalho), com base na fenomenologia de Husserl (intersubjetividade) e propondo uma racionalidade dialógica, como caminho e como pedagogia. E mais: em Freire, razão e emoção se interpenetram, perpassam sua epistemologia e sua visão política da sociedade. Ele falava em “razão encharcada de emoção”, contrapondo o seu pensamento dialético ao pensamento estrutural, contrapondo a razão contextualizada ou referenciada na historicidade, à razão cartesiana, positivista e instrumental. Na razão dialógica, a categoria de totalidade é recuperada, o sentido das coisas não é apreendido apenas pela análise racional, mas pela totalidade do aparato epistemológico humano: razão-afetividade-sensibilidade. A leitura que Paulo Freire fez da fenomenologia e da hermenêutica o auxiliou muito na tarefa de construção de uma pedagogia

emancipadora.

E por falar em fenomenologia e hermenêutica, eu não poderia deixar de mencionar um fato que me emocionou muito. Leio no jornal de hoje que ontem, sexta-feira, faleceu na França, meu antigo professor, Paul Ricoeur, aos 92 anos. Ele foi um discípulo de Husserl. Estou ainda sob o impacto dessa notícia. Lembro dele com muito carinho e quero aproveitar esse prefácio para prestar-lhe uma homenagem. Aprende muitas lições com Ricoeur em Genebra. E ele continua a me ensinar sempre com suas sábias reflexões. Em julho de 2003 ele completou 90 anos de idade. Um repórter do jornal *O Estado de S. Paulo* (3 de agosto de 2003, p. D6) lhe perguntou: “Como o senhor aborda os 90 anos que acaba de completar?”. Ele respondeu: “Cada idade tem sua parte de felicidade, suas agruras e perigos. Entre os perigos da idade avançada eu destacaria a tristeza e o tédio. A tristeza de se preparar para deixar tudo isso proximamente. Eu me preparo tranquilamente, abandonando muitas coisas. É todo um trabalho de despojamento que se processa (...). Aos 90 anos, permaneço-me capaz de admirar e de me deslumbrar”. Há sempre alguma coisa a “admirar”. Há sempre alguma coisa diante da qual podemos nos “deslumbrar”.

“Deixar tudo isso proximamente”, disse ele, há dois anos atrás. Ontem, o mestre da interpretação, “deixou tudo isso”, mas também deixou um espírito, um legado de profundas reflexões sobre a existência, sobre o amor, a amizade e o engajamento, sobre o “ser como um outro”, a maior de todas as suas lições.

Assim, a leitura do livro de Volmir despertou-me a lembrança de outros. É assim mesmo: filosofar é também um ato dialógico. Não se pode fazer filosofia solitariamente, embora a filosofia seja um ato do sujeito. Sempre somos herdeiros, continuadores. Morte e vida estão juntas. A poesia, nos ensina que morrer é também germinar. O grão morre-nasce trigo, vive-morre pão. No outono, as folhas caem, alimentam a terra que nos oferece generosos frutos. Para inventarmos um futuro, precisamos nos referenciar no passado. Aqueles e aquelas que nos deixam permanecem vivos por meio de sua obra. Pegamos o bastão e damos mais alguns passos.

O trabalho do Volmir dá uma contribuição relevante ao paradigma da educação popular libertadora, fundamentada no diálogo intersubjetivo. Quero felicitá-lo pelo excelente livro. Educação e conhecimento em Paulo Freire inscreve-se na esteira dos estudos críticos de Freire que contribuem para a continuidade e a re-invenção do seu legado.

São Paulo, 21 de junho de 2005. Outono, tempo de colheita.

Dr. Moacir Gadotti
Professor da Universidade de São Paulo (USP)
Diretor do Instituto Paulo Freire (IPF)